

Vidas revividas



"A universidade faz a melhor idade"



Com imenso prazer estamos na segunda edição do que está sendo chamado de "livro da Unabem".

As alunas do período básico, por meio de oficinas de resgate da memória, deram um mergulho em suas vidas e emergiram com lembranças maravilhosas, textos emocionados e fantasias de adolescência rememoradas resgatando um passado que é, ao mesmo tempo, um tesouro na vida de cada pessoa e, também, de grande importância para a preservação da memória histórico-cultural da nossa região oferecendo um acervo interessantíssimo sobre usos e costumes.

As palavras do filósofo Walter Benjamin atestam a importância do rememorar para interagir, para experienciar, comparar e enriquecer o meio em que se está inserido: *"O narrador conta o que ele extrai da experiência - sua própria ou aquela contada por outros. E, de volta, ele a torna experiência daqueles que ouvem a sua história"*

Boa leitura!

Leila Maria S.O.Pádua Andrade
Oficina de resgate da memória
FESP/UEMG/UNABEM/ 2007



"A universidade faz a melhor idade"



Textos

Infância no sítio
Memórias de infância
A música e eu
Meu nome é Ada
Memórias paulistas
Da minha infância querida
Uma aluna teimosa em Capitólio
Um pai histórico, uma viagem inesquecível e uma adolescência feliz.
Pai professor
Meu início no primário.
Sonho de menina
Namoro, Noivado e Casamento nos anos 70
Adolescência: idade de sonhos e ilusões
Formando uma família.
Uma história de amor.
"Adeus querida escolinha!"
Lembranças de vida



Texto de Maria Lúcia Fabri

Sinto-me muito feliz em recordar minha infância. São tantas lembranças! Vou escrever algumas de quando eu era ainda bem pequena, tinha uns 5 ou 6 anos, morava no sítio e, logo em frente, moravam meus avós. Eu tinha uma galinha que era meu bichinho de estimação e que me acompanhava nas visitas que fazia à minha avó. Em todo o caminho havia muitos cupins que eu ia chutando e apareciam todos aqueles bichinhos. Minha galinha comia todos, muito feliz.

No sítio, havia uma paineira que ainda hoje existe. Quando desabrochava era como neve caindo, espalhavam-se, em toda volta pelo chão, as flores brancas da paineira. Cresci em meio a toda aquela natureza, correndo pelos pastos, subindo em árvores. Lembro-me de um pequeno berrante que meu avô usava para chamar as vacas. Ele tocava o berrante e elas vinham de mansinho comer sal. Eu, escondida de todos, soprava o berrante, fazendo com que as vacas chegassem fora do horário de comer o sal. Meu avô ficava muito bravo!

No sítio se fazia polvilho e era uma festa! Muitas mulheres cantando enquanto descascavam as mandiocas para fazer o polvilho. Eu brincava com a massa branca depois de lavada, inventando castelos, bolo de aniversário etc. Era tudo artesanal, não havia máquinas e minha avó perdeu os quatro dedos no ralo. Era uma roda grande, que alguém comandava e ela ia colocando a mandioca para ralar. Foi onde ralou os dedos.

Havia também um forno grande de barro que ainda está de pé, onde ela fazia as "quitandas". O forno era à lenha e ela varria com galhos de alecrim. Era um cheiro muito bom...

Quando paravam de trabalhar, depois do banho, todos sentavam em vários bancos que havia no quintal. Apenas com a claridade da lua, eram muitas histórias que contavam enquanto comiam aquelas delícias que vovó fazia. História de assombração não faltava e eu ia dormir nos colchões de palha, morrendo de medo. Era muito bom!

Lembro-me que se fazia rapadura também. Hoje se faz com máquinas. Naquele tempo era boi ou cavalo que, andando em círculo rodava um eixo onde meu avô e meu tio colocavam a cana para moer, o suco caía em uma bica que levava até os tachos enormes em cima de uma imensa fornalha onde ferviam até dar o ponto.

Eu e minhas primas, com as "cuias", pegávamos o melado e corríamos para a bica de água para fazer puxa. Hoje ainda faço isso junto com meus filhos e parece faltar alguma coisa. Não sei se a falta de meus avós, meus tios, meu pai; ou se é o modo de fazer, pois mudou tudo, mas reconheço que mudou para melhor, bem melhor!

Quando íamos a Aparecida do Norte, era uma alegria. Íamos de trem, meus pais e meus avós. O interessante que isso vai se repetindo, virando tradição, pois até hoje, vamos todo ano...

Depois do sítio, vim morar na cidade com meus pais e as brincadeiras foram ficando diferentes, gostava de brincar de professora, de queimada, de pega-pega, e por aí vai. O que mais gostava era quando minha mãe pedia que eu fosse a uma chácara perto, onde havia um moinho. Eu levava o milho em uma lata, deixava lá no moinho e, voltava na próxima semana, para pegar o fubá pronto. Ia sempre com uma amiga e passávamos em um córrego onde descobrimos um barro, uma argila com a qual fazíamos nossos brinquedos: panelinhas, xícaras, pires, vasos, bules, cadeiras, mesas... Inventávamos um monte de coisas, ficávamos horas fazendo e, depois as escondíamos, cobrindo com folhas. Deixávamos lá até voltarmos para buscar o fubá. Assim, os brinquedos ficavam todos sequinhos... Outra brincadeira que eu adorava era meu balanço na mangueira no quintal. Eu ficava horas balançando e cantando. Desse modo, fui crescendo continuando com as brincadeiras. Lembro-me que com doze anos ainda brincava.

Um dia, meu pai estava muito ocupado. Eu cheguei até ele com dois carretéis e um pedaço de madeira e pedi que fizesse um carrinho para mim. Ele deixou o trabalho, fez o carrinho e me entregou. Eu não gostei e joguei-o pela janela. Ele ficou muito bravo, me deu uma palmada e disse: _Vá buscar! Foi a única vez que apanhei dele.

Onde eu morava, aliás, em quase todas as casas, existia no quintal um paiol onde guardavam milho, pois em quase todas as casas havia galinheiro e chiqueiro. Só que na Semana Santa todos limpavam os paióis e emprestavam o milho para as pessoas que moravam na roça e vinham para passar toda semana na cidade assistir as procissões. Vinham de carro de boi, deixavam toda a família e voltavam com o carro de boi vazio. Eu andava em todos os carros que passavam. Ia até o final da rua, de carona e voltava a pé. Passava outro e lá ia eu de novo, adorava tudo isso. Lembro-me de quanta coisa gostosa era feita para estes dias....

Quando alguma tia ou outro parente vinha de outra cidade nos visitar, traziam maçãs e eu me lembro de guardar o papel roxo que as embrulhavam só para sentir aquele cheirinho bom. Capitólio, onde eu morava, era uma cidade bem pequena e, na época, não havia maçãs.

Eu e minha amiga "Sonia" pegávamos pétalas de flores e saíamos pela rua. Como todas as portas e janelas ficavam abertas, jogávamos flores pela porta, batíamos palma e escondíamos... Havia uma senhora na nossa rua que fazia rosca-rainha. Como cheirava bom! Ela colocava as roscas numa despensa e havia uma porta no

fundo. Uma de nós batia na porta da frente e falava qualquer coisa enquanto isso a outra ia pelo fundo e pegava uma rosca. Era bom demais comer aquela rosca, como era saborosa! Tão saborosa como quando sinto cheiro de mortadela e me lembro dos piqueniques deliciosos com o lanche de pão com mortadela e guaraná!



Memórias de minha infância

Texto de Glória Rodrigues Soares



São tantas as recordações de quando eu era criança que não sei se vou conseguir colocá-las todas aqui. Vai longe o tempo. Mas tenho-as guardadas no arquivo da saudade, do tempo bom que vivi ao lado de meus pais e irmãos.

Minha família compunha-se de oito pessoas, meus pais e cinco irmãos sendo apenas um menino em meio a cinco meninas.

Digo de todo coração, tive uma infância feliz, que muitas saudades traz. Das brincadeiras de rua, barra-bol, bater peteca, pular corda, passar anel, cabra cega, sem esquecer o pique de esconder, brincar de casinha, fazer comidinha, cantar e fazer teatrinho e muitas coisas mais.

O mais importante mesmo eram os passeios com papai, para visitar nossos avós. Levantávamos muito cedo para pegar o trem. Como era gostoso viajar de trem e fitar pela janelinha as lindas paisagens que se descortinavam aos olhos de uma menina sonhadora e apaixonada pela natureza. Ver as vaquinhas pastando ao longe, divisar lagos serenos com patinhos a nadar. Ainda hoje sinto o cheiro da relva molhada e o perfume das flores silvestres que enfeitavam o caminho. Era uma alegria, olhar o céu muito azul, com pássaros a voar até se perderem entre as nuvenzinhas brancas, esvoaçantes como se fossem flocos de algodão. São lembranças tão preciosas que jamais irão se apagar.

Certa vez uma de minhas irmãs, "Nadir", chamou para passear meu irmão César e eu. Éramos ainda muito pequenos. De mãos dadas, fomos andando, andando, andando, até chegarmos a um riacho de águas muito claras e bem rasiado. Muito felizes entramos na água e nos pusemos a brincar e colher pedrinhas como se fossem pedras preciosas. O tempo passou e nem demos conta disso. De repente chegou papai nervoso de tanta preocupação, pois saímos sem avisar.

Esta passagem foi em Muzambinho antes de nascer Vandete e Adelina, as caçulinhas.

Eu devia ter meus quatro anos e ainda morávamos em Muzambinho em frente a uma praça muito arborizada e bonita. Na verdade era um jardim, para mim,

"encantado". Lembro-me bem que, contornando os canteiros floridos havia pequenas árvores em formato de bichinhos, tipo carneirinhos, cavalinhos, ursinhos etc. Eu adorava ir brincar nesta pracinha.

Certa manhã, mamãe mandou-me comprar pães para o café e eu fiquei toda feliz. Entrei no quarto de minha irmã mais velha (Bá) e peguei o seu batom vermelho, reboquei toda a boca e fui, toda dengosa, comprar pães para mamãe. Ao entrar na padaria o atendente olhou para mim e disse:

- Puxa vida! Uma mocinha que já usa batom, chupando bico! Que horror! Este detalhe eu me esqueci de contar. Gente, fiquei com tanta vergonha, peguei os pães e sai dali correndo e fui pendurar meu precioso bico na arvorezinha que eu mais gostava, o carneirinho. Nunca mais chupei bico e nem fui à padaria. Valeu a lição.

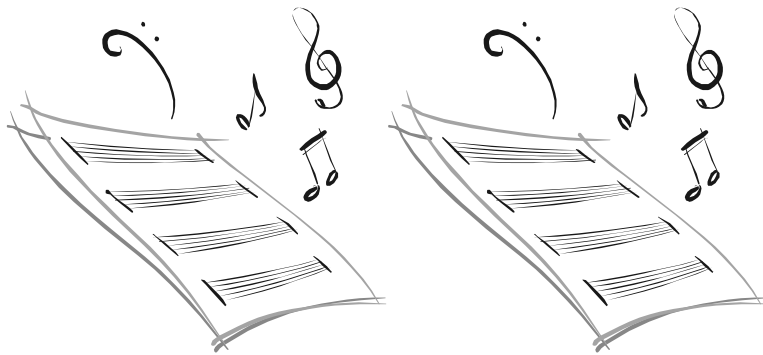
Algum tempo depois nos mudamos para Itaú de Minas que era ainda um pequeno vilarejo, mas havia a fábrica de cimento Portland Itaú, onde meu pai conseguiu emprego, e também era operador de cinema. Na verdade, papai era um artista muito versátil e fazia tudo com perfeição: pintava letreiros, trabalhava com ferro construindo peças lindíssimas como camas, mesas, portões, fruteiras, cruzeiros, forno para fogão de lenha e muitas coisas mais...

Papai era muito calmo e brincalhão, raramente ficava bravo. Mamãe muito querida, enérgica e cheia de dedicação e cuidados: - "Menina calce os sapatos, não fique de pé no chão, não tome vento nas costas que prejudica o pulmão, não coma isso, não coma aquilo que pode lhe fazer mal". E assim a vida escreve, página por página, a estória de cada um. Tanta coisa para lembrar: momentos bons e ruins, alegrias e tristezas. É assim que acontece.

Uma alegria inesquecível como na primeira vez, dentre muitas, que coroei N. Senhora, vestida de anjo, toda de branco com asas de penas também brancas. Eu era tão pequena que não conseguia alcançar a cabeça de N. Senhora, precisei subir em um banquinho morrendo de medo de cair e derrubar a Santa...

E também o dia de minha primeira comunhão, quanta alegria, quanta emoção, receber Jesus em meu coração. E logo após a cerimônia foi nos oferecido uma linda mesa de doces, bolos, biscoitinhos, balas e tudo de bom em comemoração a uma data tão significativa como a Primeira Eucaristia.

Vou parando por aqui, mas não pensem que acabei, as minhas caras lembranças eu apenas comecei, prometo que se gostarem, de outra vez, contarei mais.



A Música e eu

Texto de Vandete Rodrigues Cerqueira

Parece que ao nascer, invés de chorar, como os bebês fazem, eu cantei e, continuo cantando até hoje.

Quando menina, bem pequena, eu cantava coroando Nossa Senhora e, na escola, as comemorações eram abertas por mim cantando alguma música.

Quanto teatrinho, quanta quermesse e eu cantando em toda parte. Cresci cantando no coral em Itaú, onde nasci e me criei.

Faz vinte anos que canto no Coral da Igreja Matriz do Senhor Bom Jesus dos Passos e dezesseis que participo do coral do Educandário.

Já cantei em muitos casamentos dos sobrinhos e até dos meus filhos.

Fico feliz, pois cantar faz bem a quem canta e a quem ouve. Por isso, agradeço a Deus esse dom de fazer feliz e trazer alegria às pessoas.



Texto de Ada Maria Esper Piotto

Meu nome é Ada.

Em homenagem a minha avó paterna, papai e mamãe o escolheram. Gosto muito do meu nome; é um nome pequeno. Só tem uma desvantagem; é que toda palavra emenda com ele:

Dona Ada - fica donada.

Quer goiaba Ada? Fica goiabada.

Quer banana Ada? Fica bananada. E vai por aí a fora...

Mamãe me deu um apelido carinhoso: Dim. Não sei se era diminutivo de Adinha ou se era diminutivo de pudim e, olha, é um doce que gosto até hoje. Todo dia pedia pra mamãe fazê-lo.

Foi um período lindo na minha vida e que não se apaga jamais. Quantas travessuras, quantos feitos, lembranças de coisas que não voltam mais; acontecimentos que ficaram gravados na memória; por que não dizer no coração?

Se algum dia, meus filhos, meus netos, quiçá meus bisnetos, lerem estes registros, creio que irão gostar. Há fatos que causam risos. Outros, são meio dolorosos como o que passo a narrar.

Minha mãe estava costurando. Ela tinha uma clientela muito grande que gostava da moda que ela produzia. Além de costuras, ela bordava e forrava botões. Eu em volta, querendo aprender a fazer os vestidinhos de boneca.

Mamãe se afastava da máquina para atender as clientes e dizia:

— "Dim" não mexa na máquina, você pode se machucar. Cuidado, pode quebrar a agulha.

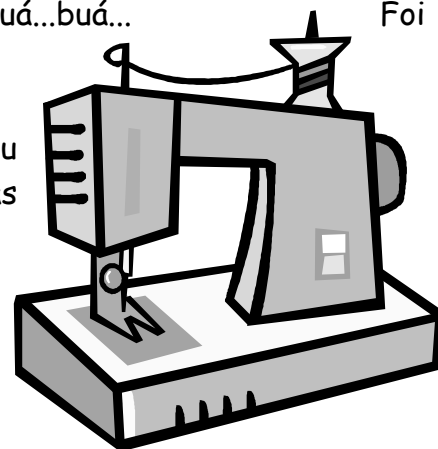
Mãe não pode nem pensar porque as coisas acontecem!

Certo dia, não me segurei e fui costurar o vestidinho da boneca "Rosinha". Pasmem com o que aconteceu: costurei o meu dedinho e buá...buá... Foi um choro só! A agulha atravessou meu dedo.

Ai! Ai!

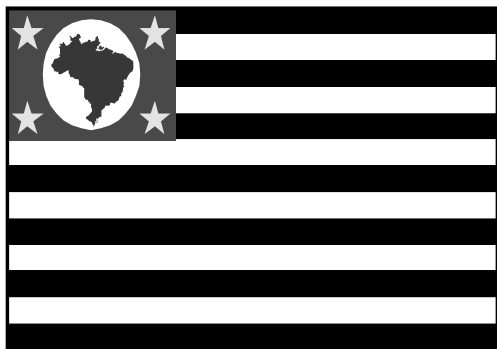
Foi um Deus nos acuda, mamãe não sabia se ficava brava ou se me acudia. Por fim, depois de tudo passado, levei umas broncas merecidas.

Por isso é que dizem: "macacos que muito mexem querem chumbo"!



Memórias paulistas.

Maria Lucia



Nasci no dia 12 de março de 1956, em São Paulo. Não sei nada do que estava acontecendo naquela época. Nasci em casa, mas depois nos levaram para o hospital, parece que teve alguma complicação, mas nada grave.

Minha mãe dizia que eu era um bebê lindo, bem gordinho, mas toda mãe acha seu filho lindo. Ela queria que meu nome fosse Mônica, mas meu pai me registrou com o nome de Maria Lúcia, afinal prevalecia o que ele queria. Meus pais não eram de falar muito sobre nós, então o que sei é mais aquilo de que me lembro.

Tenho algumas lembranças a partir dos três anos. Morávamos num bairro chamado Vila Maria. Lá, vivíamos numa casa alugada e, no quintal, havia mais duas casas.

Eu tinha dois anos quando nasceu meu irmão Antônio, o chamávamos de Toninho. Minha mãe dizia que fiquei muito enciumada, e por isso aprontava muito para chamar a atenção.

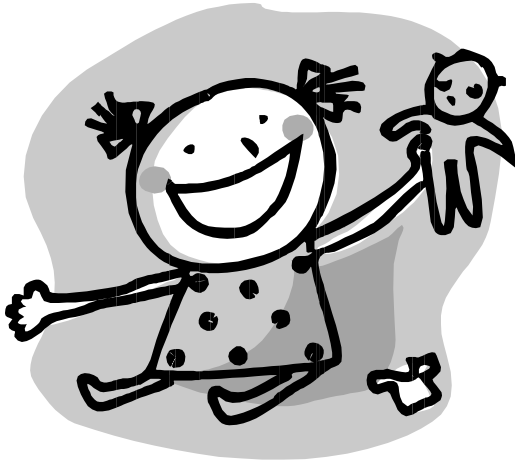
O meu pai, infelizmente, sempre bebeu muito e desde muito pequena presenciava muitas brigas, mas felizmente tinha uma vizinha que sempre dava um jeito de tirar eu e meu irmão das situações ruins. Depois, quando eu tinha quatro anos, nasceu minha irmã Lurdinha e, com uns três meses ela quase morreu com desidratação.

Brincávamos muito com areia e coisas improvisadas porque não podíamos ter brinquedos comprados. No final do ano, minha mãe ia à igreja para conseguir os brinquedos. Era a maior festa!

Ah! Lembro-me também que, com dois anos, ganhei um boneco, não consigo me lembrar se foi a loja que me deu ou se foi meu pai que comprou à prestação, só sei que quando peguei aquele boneco não larguei mais, tenho até foto com ele.

Quando eu tinha seis anos nasceu meu irmão caçula: o Roberto. A gente o chamava de Betinho. Cuidei muito dele para minha mãe poder trabalhar. Até hoje ele me tem como mãe. Era muito engraçado, tínhamos o costume de tomar bênção de nossos pais, e quando íamos dormir ele dizia: "bença pai", "bença mãe", "bença Lu". Um dia, eu me enchi e não quis responder, ele chorou muito, enquanto não respondi a bênção ele não sossegou e durante muito tempo foi assim. Até hoje ele tem um carinho muito grande comigo e eu com ele.

"Da minha infância querida"



Texto de Ada Maria Esper Piotto

Adentrando os portões da memória, deparo com as lembranças queridas da minha infância. Como dizia o poeta:

Oh ! que saudades que eu tenho.
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida .
Que os anos não trazem mais !

Mas, o belo na nossa vida não se apaga jamais. Sempre nos acompanha quando queremos falar sobre ela.

Durante a minha infância fiz muitos passeios nas fazendas de minhas amigas, subia nas árvores para brincar de Tarzan na selva. Eu sempre era o Tarzan, até que um dia cai de uma árvore, ai passei uns tempos mais comportada.

Brincava de casinha, de fazer comidinha, de fazer bolinhos de barro nas forminhas de empadas da mamãe. Como gostava de fazer palhaçada, cheguei a comer um destes bolinhos de barro. Dá pra fazer uma idéia da minha sapequice?

Tinha muitas bonecas, cada uma mais linda que a outra. Falando em boneca, me lembrei do que me ocorreu certa vez. Minha irmã Cida, mais velha que eu dois anos, (abaixo de mim tinha mais duas irmãs: Badia e Magda) vivia me tentando para abrir a barriguinha da minha boneca, a Rosinha. Ela me dizia que dentro da barriguinha dela havia uma bonequinha "neném".

Eu vivia correndo para que ela não fizesse isso com a Rosinha, mas ela acabou me vencendo pela insistência.

Lá se foi minha bonequinha para uma cirurgia. Lançada ao chão ela se espatifou e imaginem o que tinha dentro? Apenas uma molinha que provocava o chorinho da boneca, bueé... bueé... bueé... que foi também o meu choro por vários dias!

Meu pai era comerciante, proprietário da Casa "À Primavera" e descendente de Sírio Libanês. A loja de papai tinha de tudo: tecidos, cama, mesa e banho, louças, armarinhos, sapatos, chapéus e brinquedos.

Seu nome: Hermínio Esper e eu sempre estava na loja, para ajudar meu pai e era muito curiosa, mexia em tudo que tinha direito, ou melhor dizendo, que não tinha direito. O funcionário do meu pai, Mário, ficava furo porque eu tirava tudo do lugar: botões, rendas, ponto russo, etc. E o pior é que ele levava a bronca porque as mercadorias estavam fora do lugar que papai havia colocado.

Certo dia, eu tirei umas caixas de botões da prateleira e derrubei algumas. O Mário ficou muito bravo e queria me pegar, eu corri para fora da loja, peguei uma pedrinha na rua e acertei o Mário. Acreditem se quiserem, a pedra pegou direto no olho do Mário.

Eu fiquei muito assustada vesti meu uniforme às pressas e fui para o colégio, antes da hora, mas não adiantou, meu pai foi me buscar para aplicar um castigo que qualquer hora eu conto qual foi.

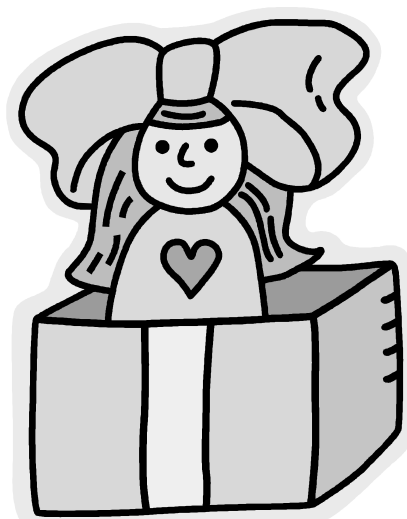
Só sei dizer que, enquanto eu voltava com papai me segurando pelo braço, andando depressa pela rua, minhas colegas iam em direção à escola e me perguntavam:

_Ada aonde você vai?

Eu, com muita vergonha respondi:

_Vou ao médico.

É! São coisas que acontecem que não dá pra esquecer!



Uma aluna teimosa em Capitólio

Texto de Maria Lúcia Fabri



Minha escola se chamava, ou melhor, se chama, até hoje, Escola Coronel Lourenço Belo. Era bem perto de casa e eu ficava na porta, esperando minha professora passar para ajudá-la a levar os livros.

Todos os dias no pátio cantávamos o Hino Nacional e depois, em fila, íamos para sala de aula onde fazíamos uma oração para dar início à aula. Eu gostava muito de estudar!

Um dia, chegando à escola me disseram que tinham dividido a turma. Colocaram-me em outra sala e eu não gostei da professora. Então, fiz um tipo de greve: ficava de cabeça baixa, não escrevia, não prestava atenção e nem respondia nada. Queria voltar para outra sala com a antiga professora. Fiquei assim por vários dias. Ninguém, nem meus pais com castigo, conseguiram que eu mudasse...Eu ia para escola, mas era como se não fosse. Coloquei até um apelido na professora de Pendão da Esperança, pois ela era bem alta e magra. Tudo isso aconteceu porque Capitólio era uma cidade bem pequena, mas a política era bem forte e dividia as pessoas em dois partidos UDN e PSD. Incrível, mas isso também influenciava no relacionamento dos alunos e professores e, por isso, me mudaram de sala. Depois de uns dias minha greve rendeu, me mandaram de volta para antiga sala, pois a diretora era minha amiga e sempre me salvava.

Uma vez, deixei de fazer o "Para Casa". Só que, havia outros que também não fizeram e, por azar, escolheram a mim com outra colega de nome Hélia para o castigo, que era ficar em pé de frente para os alunos, em outra sala. Havia um degrau para subir, na entrada da sala e eu coloquei o pé e disse:

_ Eu não entro nessa sala, não vou para castigo, outros também não fizeram e isso é injusto!

Tentaram me levar de todo jeito não conseguiram. Chamaram a diretora e ela me deu razão, salvando-me do castigo. Até pouco tempo atrás, quando ia à Capitólio, eu a via e conversávamos muito. O nome dela era Tereza Rattis foi uma pessoa que ajudou muito o povo de Capitólio como vereadora. Tinha muita facilidade para se expressar e escrevia muito bem, tanto que os políticos pediam para que escrevesse e, inclusive, falasse no lugar deles. Ela faleceu há 8 anos.

Na cidade, no alto do morro, havia um cruzeiro. Subíamos a montanha cantando e rezando, levando água para jogar e pedir chuva. Coincidência? Não sei! Mas, muitas vezes, voltávamos com chuva. Hoje, no lugar do cruzeiro é a antena de televisão.

Tirei o diploma com 12 anos, quero dizer, a quarta série. Então, parei de estudar, pois só tinha o primário na cidade e meu pai não me deixava sair para estudar fora. Voltei a estudar com 15 anos, pois fundaram o Colégio Estadual e daí estudei até a 8ª série. Parei para casar.

Eu inventava muitas trapalhadas. Meu pai trabalhava em uma máquina de café ao lado de nossa casa e eu corria todo tempo para lá. Ele supervisionava as catadeiras de café: eram muitas mulheres, em um galpão onde escolhiam o café, tiravam as pedras e o café ruim e, depois, meu pai olhava as sacas para ver se estava bem escolhido. Eu fiz uma grande maldade, escondida debaixo da mesa, pegava pedras e café ruim e jogava dentro da saca que já estava escolhida. Meu pai olhava e as fazia catarem tudo de novo. Um dia, ele descobriu, me levou para casa e me fez catar café, sozinha, por um bom tempo.

Um pai histórico, uma viagem inesquecível e uma adolescência feliz.

Texto de Vandete Rodrigues Cerqueira

É delicioso lembrar a infância gostosa e rica que tive com meu Pai. Fui praticamente criada dentro de um cinema, pois ele era operador de filmes. De domingo a domingo íamos com ele para o cinema: eu e minha irmã mais nova.

Ele nos deixava sentadas e ia buscar amendoim, pipoca ou bala de goma, depois subia para passar o filme. Quando o filme terminava, nós o esperávamos na cabine enquanto ele enrolava manualmente o filme. Com o filme enrolado íamos até a estação de trem para despachar o filme. Enquanto íamos e voltávamos, eram deliciosas as coisas que nos contava.

Meu pai era agradável, delicado, paciencioso e possuía um grande senso de humor: era tudo que uma criança precisa para ser feliz.

Que saudade desta infância maravilhosa onde tudo era mágico, belo e fácil. Também eram maravilhosas as visitas que fazíamos à minha vó Adelina. Na verdade, não era ela que contava, pois pouco a via. O legal mesmo era a aventura de ir até a casa dela, pois tínhamos que viajar até Paraíso. Cinqüenta anos atrás era uma aventura e uma delícia.

Íamos de trem de ferro com meu pai e minha irmã mais nova. Levantávamos às cinco horas da manhã e imagine a alegria e a ansiedade. O trem saía às seis. O mais gostoso era ir com papai sempre bem-humorado, ia contando casos e nos agradando com seu carinho e companhia deliciosa. Chegávamos lá pelas nove horas e, depois de visitar minha vó, íamos sempre visitar a Tia Mélica. A alegria com que nos recebia era algo de nunca esquecer.

Ficávamos o dia todo, almoçávamos, brincávamos e depois do lanche da tarde fazíamos o mesmo caminho de volta, felizes e contentes.

Depois, era só esperar o outro mês para voltarmos de novo.

A adolescência foi um pouco mais complicada, não tinha a liberdade de expressão na minha família e, na minha cabeça, eu tinha que resolver tudo sozinha.

Mas sempre fui muito esperta, curiosa e passeadeira.

Gostava de ajudar as pessoas e, com isso, aprendia muito.

Era muito querida pelos rapazes e namorado não faltava.

Rolava altos papos e eu sempre me encantava com as pessoas.

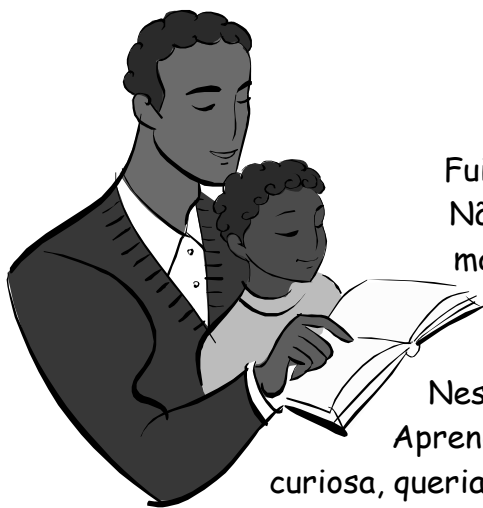
Os bailes eram lindos, os vestidos rodados, os sapatos com saltinhos e os elogios não faltavam trazendo a alegria transbordante de viver.

Os sonhos eram os mais belos, românticos, puros e cheios da certeza de encontrar alguém, amar muito, formar uma família e viver plenamente.



Pai professor

Texto de Ada Maria Esper Piotto



Fui para a escola com cinco anos. Não puderam me matricular porque não tinha idade, mas insisti tanto que meus pais acabaram cedendo aos meus rogos. Conversaram com a diretora e a mesma permitiu que eu freqüentasse as aulas.

Nesta época já sabia ler e escrever algumas palavras. Aprendi com papai. Ele pegava o jornal para ler, eu ficava curiosa, queria saber o que ele estava lendo. Assim, ele foi me ensinando pelo jornal. Ele mostrava uma letra maiúscula, ex.: D e falava, encontre esta letra em tamanho pequeno; outra letra e assim por diante, aí fui me familiarizando com o alfabeto.

Quando começaram as aulas, ia eu alegrinha com minha irmã mais velha e meu pai que nos levava até a porta do colégio. Eu era um toquinho de gente, um palmo de saia preguçada, as perninhas grossas, mal agüentava seguir os passos de papai. A minha irmã que era bem grandinha para sua idade...

Madre Vitorina dava aulas comigo no colo. Eu sabia toda a matéria dela, respondia tudo que ela perguntava. Ela dava aula de História Sagrada, uma matéria religiosa.

O tempo foi passando, eu entrei para outra turma e, no ano seguinte, pude matricular-me oficialmente.

Sempre fui muito alegre, comunicativa, participava dos teatros, das cantorias, das poesias, enfim, fui conquistando meu espaço. Gostava muito de minhas colegas, tinha uma turma bem animada.

Ahaaaa! Me lembrei de uma coisa que jamais vou esquecer. Quando terminavam as aulas, de volta para casa, na época das pamonhas, de longe eu sentia o cheirinho das gostosas pamonhas que mamãe fazia!

Hummm!..... Era uma festa.

Assim, foi passando meus tempos felizes de escola. Sucessão de alegrias e conhecimentos. Foi um tempo muito proveitoso em minha vida. Devo confessar que a cada etapa vencida ia adquirindo mais experiências na minha vida.

Assim, caminhando a cada ano que passava, fui chegando na adolescência.

Minha professora parecia uma bruxa...

Texto de Maria Lúcia Gomes Acosta (Malu)



tinha muita
chegasse aquele
parecia uma
ajoelhada

Entrei para a escola com sete anos, eu
vontade de ir para a escola, não via a hora que
momento. Que decepção! Tive uma professora que
bruxa, a Dona Elvira. Eu levava tanta reguada, ficava
no milho e no paredão por quase nada, acho que era
perseguição. Eu não era nenhuma
santa, mas não merecia tudo aquilo, tudo bem
que eu era bem respondona, mas não
era motivo, e não era só comigo não, várias
colegas também eram perseguidas.

Éramos duas na mesma carteira. Era terrível porque não podíamos nem piscar.
Mas, enfim, tudo passou. Mudei de escola e daí por diante foi tudo diferente.
Amei todos os meus professores, principalmente, a do quarto ano, Dona Nilza.
Passaram-se os anos e nunca a esqueci, gostaria tanto de vê-la novamente.

Quando entrei para o Ginásio foi um momento muito legal, estava ficando
mocinha já começava as paqueras. No ginásio usávamos saia cinza, camisa branca,
meias brancas, sapatos pretos e cinto vermelho. A saia tinha que ser abaixo do joelho,
mas na rua enrolávamos a saia na cintura, exibíamos bem as pernas e quando chegava
perto da escola ficávamos bem comportadinhas. Foi um momento muito bom!

Apesar da pobreza e das dificuldades que tínhamos, eu não tinha raiva e nem
era revoltada, não sei se fazia parte da minha personalidade, mas eu entendia tudo
com muita calma. Comecei a trabalhar com quatorze anos e dava todo o meu salário
para minha mãe e não reclamava quando eles não podiam me dar nada, eu achava
normal. E olha que eu trabalhava o dia inteiro e ia direto para escola.

Naquele tempo a aula começava às 19h e terminava às 23h. Quando eu chegava
em casa tinha que tomar banho de bacia num banheiro do lado de fora da casa e, no
dia seguinte, levantava às cinco horas da manhã para entrar às sete no serviço. Foi
tudo muito bom.

Sonho de menina

Texto de Ada Maria Esper Piotto

O sonho de toda menina é chegar logo à adolescência, crescer depressa e ser logo mocinha. Fica horas e horas com o olhar distante, sonhando com seu primeiro amor. Como será meu príncipe encantado? Aquele que irá despertar em mim as doces emoções da vida?

O primeiro beijo! Hum, o toque das mãos, parece que o coração está batendo na boca.

Ah! Como é linda a adolescência! Corrida louca atrás das ilusões da vida. Tudo é muito lindo, tudo ao alcance de nossas mãos. Como é bom cultivar novas amizades, nossos passeios, amigos e as brincadeiras dançantes! Podíamos escolher nossos pares, sobrava rapaz, tínhamos que esconder para descansar um pouco, senão dançávamos a noite toda.

Muitos flertes. Hoje se diz paquera, muita amizade americana, como se dizia no meu tempo.

Namorados? Tive bastante, mas na minha época era bem diferente de agora: pegar na mão? Nem pensar. Beijar? Menos ainda. Tinha que ser bem escondidinho, senão a moça era mal vista pela sociedade.

Tenho saudades daqueles tempos das quermesses no largo da Matriz, dos leilões de prendas e cartuchos, dos correios elegantes, que sensação! Rapazes? A gente podia escolher.

Assim, dia após dia, íamos caminhando até encontrarmos um porto seguro, ou melhor dizendo: uma incógnita que é o futuro e que nos espera. Assim é a vida!



Namoro, Noivado e Casamento nos anos 70

Texto de Maria Lúcia Gomes Acosta - Malu



Com dezessete anos conheci meu marido. Foi em novembro de 1973, era aniversário de um amigo nosso. Esse amigo iria me pedir em namoro naquele dia, a mãe dele e minha mãe estavam tramando para que nós começássemos a namorar. Nessa época eu andava muito triste, pois eu havia terminado um namoro de três anos, então eu não estava aberta para namorar outra vez, pelo menos naquele momento. Nesse mesmo bailinho meu marido chegou primeiro do que o aniversariante e

me pediu para dançar. Eu não estava a fim, mas aceitei. Depois eu procurei me esconder o mais que pude para que ninguém mais me chamasse para dançar, até que num determinado momento ele (meu marido) me chamou novamente pra dançar e, quando estávamos dançando ele falou no meu ouvido:

_ "Te achei sensacional, quer namorar comigo?"; levei um susto, mas lhe disse:

_ "Depois eu dou a resposta".

Começamos a conversar, contei tudo para ele o que havia acontecido comigo, disse que não sabia se ia conseguir gostar de novo de alguém, ele simplesmente me disse: "Vou fazer você esquecer esta pessoa". Foi assim nosso começo de namoro e deu certo.

Pouco tempo depois fiquei doente, tive meningite e quase morri. Foi um surto muito grande que teve em 1974, foi na época do dia das mães.

Fiquei internada uns vinte dias, fiquei tão mal que achei até que ele fosse desistir de mim, mas para minha surpresa isso não aconteceu. Aquele resto de ano fiquei sem estudar, no ano seguinte terminei o ginásio.

No final de 74 meu marido me pediu em casamento, ele queria se casar em setembro de 1975 por causa do exército. Nesta época ele já era oficial do exército, iam mandá-lo para Amazônia, mas no final ele desistiu do exército. Ficamos noivos em fevereiro e nos casamos no dia três de maio de 1975, foi um rebu danado pra provar que não tinha acontecido nada comigo.

Meu enxoval de noiva não foi como os das moças que se preparavam para o casamento: consegui algumas coisas porque ganhei de colegas e no dia do meu noivado. Deixei para comprar tudo nas vésperas do casamento. Fui com a minha cunhada Lourdes e com meu noivo comprar só o necessário para começar nossa vida de casados.

Nessa época já não pude dar mais todo dinheiro para meus pais, afinal tinha que arrumar minha casa por mais simples que fosse e comprar o vestido de noiva. Foi uma luta. Comprei meu vestido na Rua São Caetano, em São Paulo. De novo, minha cunhada estava lá pra me ajudar... Eu queria um vestido bonito, bom e barato e consegui. Não era "aquele" vestido, mas todos disseram que fiquei bem bonita. Casei-me com um vestido branco com flores de laranjeira, mangas godês e de chapéu, modéstia à parte fiquei uma noiva linda.

Os móveis, meu marido comprou, e eram uns móveis bem bonitos e modernos. Meu quarto era branco, todo laqueado com uns frisos marrons, e minha cozinha era de fórmica laranja. Eram lindos!

Nosso casamento foi às dezessete horas e quarenta minutos. Apesar de ter chovido o dia inteiro, na hora do casamento fez uma tarde linda.

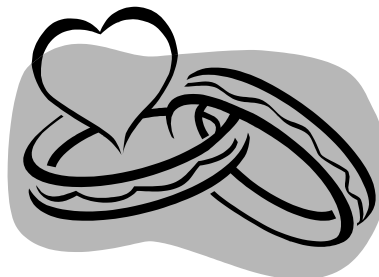
Parece mentira, mas é a pura verdade: no dia do casamento eu e meu marido estávamos estremecidos, achei até que nem teria mais casamento, porque naquele dia ele nem apareceu na minha casa. Mas, na hora do almoço eu fui com a minha concunhada na casa dele para sondar o que estava acontecendo. Quando cheguei lá ele estava em cima do telhado ajudando o pai e o irmão a armarem um encerado no quintal para fazermos a festinha. Ele nem desceu de lá. Fiquei toda emburrada, mas disse para ele "Se você chegar atrasado à igreja eu vou embora", e fui pra casa terminar de me arrumar.

Cheguei no horário marcado para o casamento e como a noiva que iria casar antes estava atrasada, o padre mandou que eu entrasse, só que não avisou os noivos que estavam no altar esperando e eles não sabiam quem era a noiva que estava entrando. O meu marido achava que eu iria casar de véu e eu entrei de chapéu. Ele só me reconheceu quando eu já estava dentro da igreja, entrando com meu pai.

Terminadas as cerimônias fomos para casa de meus sogros, pois lá foi a festinha. Foi tudo muito legal, tinha um bolo bem lindo e gostoso que a amiga de minha mãe nos deu, tinha champanhe, guaraná e uns pãezinhos recheados, e a Lourdes também conseguiu que meu sogro deixasse fazer um bailinho. Depois fomos nos arrumar para lua-de-mel em Santos, numa praia chamada Gonzaga.

Chegamos na madrugada de domingo e voltamos na segunda-feira à noite porque eu tinha que trabalhar na terça. Eu trabalhava numa empresa que eles não permitiam mulheres casadas, então eles não ficaram sabendo que me casei.

Tinha muito medo da noite de núpcias, meu marido teve muita paciência comigo, casamos no sábado, mas só fui ser mulher de verdade na quarta-feira à noite; isso porque forcei a barra e dei um basta em mim mesma, daí por diante foi só alegria!



Adolescência: idade de sonhos e ilusões

Texto de Glória Rodrigues Soares

Adolescência, um tempo em que a vida nos parece sempre cor de rosa, colorida... Pena que passa tão rápido e mal sabemos aproveitar. A minha foi igual a de muitas meninas. Como morava em uma cidade que parecia ser um bebê começando a engatinhar, poucas atrações havia. Aos domingos de manhã íamos à missa e depois íamos para a estação ferroviária ver o trem de ferro chegar e com ele muitos meninos de Passos que também vinham para nos ver.

Éramos uma turminha de oito meninas. O trem parava uns quinze minutos para se abastecer de água e, enquanto isso, os meninos desciam e ficavam conversando conosco. Cada um tinha a sua predileta, era um namorinho inocente, só de flerte como era chamado na época, mas era tão gostoso!...

Depois íamos para casa almoçar.

Eu fazia as tarefas que me cabiam e ali pelas duas horas da tarde, nos encontrávamos de novo na Matinê. À noitinha o rela - rela e, depois, sessão das oito no cinema. A turminha não perdia nada. Em Itaú, ainda não havia clube e os bailes eram organizados no salão de festas do restaurante da Companhia de cimento e também durante a semana, havia brincadeiras na casa das meninas.

Nós não perdíamos nada. Sempre eram realizadas quermesses pelo pároco da cidade e tomávamos parte no correio elegante, ciganinhas que cantavam e liam a sorte. Por ocasião do Natal sempre a mesma turma participava da festa das pastorinhas, vestíamos saia godê de tecido xadrez, blusa branca com babado no decote que caia nos ombros e na cabeça um chapéu de palha enfeitado com flores. Havia também um avental branco como a blusa.

Era tudo muito bom e gostoso e deixou muita saudade!



Formando uma família.

Texto de Maria Lúcia Gomes Acosta



Meu marido só queria filhos quando tivéssemos cinco anos de casados. Eu não me conformava, mas não discutia, afinal ele queria primeiro terminar os estudos e comprar uma casa, mas com sete meses de casada fiquei grávida.

Eu não tinha coragem de fazer o teste, o meu médico estava de férias e eu não tinha como procurar outro médico porque era dezembro; esperar até o ano seguinte era esperar muito, aí fizemos o teste de farmácia e deu mais que grávida, e ele ficou muito feliz.

A Renata nasceu, de parto normal, no dia dois de setembro de 1976: ela era um tiquinho de gente, não foi fácil, não sabíamos nada de criança, mas foi muito bom, afinal eu queria muito.

Quando ela tinha um ano e oito meses fiquei grávida, mas perdi com três meses e meio de gestação; fiquei muito aborrecida, mas aceitei. Depois de mais ou menos um ano fiquei grávida novamente, mas perdi com dois meses de gestação. Achei que não poderia mais engravidar e os médicos não sabiam o que dizer. Até que uma colega me indicou um médico e fui procurá-lo; ele disse que meu útero tinha virado, e para minha surpresa, eu estava grávida e não sabia. O médico me disse "Vou desvirar seu útero, não prometo que você não vá perder o nenê, mas se eu não desvirar dou uma semana pra você perder".

Graças a Deus consegui segurar o nenê fazendo muito repouso, e no dia vinte e três de dezembro nasceu o Daniel, um molecão de três quilos e oitocentos gramas e cinquenta e dois centímetros. Sofri um bocado, mas no fim deu tudo certo.

Tive filhos muito bons. Claro que tivemos dificuldades para criá-los, principalmente na adolescência, mas vencemos. A Renata me deu dois netos lindos: Abner, de quase oito anos e Paula Beatriz de três anos. Infelizmente, o casamento dela não deu certo. Ela está separada há um ano.

O Daniel esta casado há quatro anos e não tem filhos. Somos uma família feliz. Sou uma pessoa muito abençoada, principalmente porque tenho um marido maravilhoso. Somos casados há trinta e dois anos. Isto é um pouquinho da minha história.

Uma história de amor.

Maria de Lourdes (nossa querida visitante)

Nasci em Vargem Grande do Sul, interior de São Paulo, sou de uma família numerosa, somos nove irmãos. A diferença de idade de um irmão para o outro era muito pequena, por isso os mais velhos sempre pajeavam os mais novinhos.

Morávamos em uma casa grande, de esquina, que tinha um terraço e uma escada com cinco degraus sendo que o primeiro era um patamar. Sou sete anos mais velha do que minha irmã e sempre que precisava eu cuidava da Betinha. Deixava -a lá em cima e dava uma corridinha na rua para pular corda com as outras crianças. De repente rolava a Betinha lá de cima e chorava aos gritos.

Mamãe corria para acudir minha irmãzinha e depois me dava umas boas chineladas, mas eu não aprendia. Eu queria mesmo era brincar com a molecada da rua. Brincávamos de roda, de pular corda, queimada, passar anel, comprar fitas, passa-passa três vezes, balança caixão, gangorra, pega-pega e até carrinho de rolemã com meus irmãos

Mudamos para São Paulo e fomos morar no Ipiranga Moinho Velho e depois para Vila Brasilina. Lá, tivemos uma juventude muito gostosa com muitos discos compactos, long plays de vários gêneros de música, bailinhos anos 60.

No Natal era maravilhoso. Nós íamos à missa, participávamos da liturgia de Natal e depois íamos passando na casa de todos da turminha, a última era a nossa casa. Ali nós ficávamos até o amanhecer, quase não tínhamos tempo para dormir pois tínhamos que acordar cedo para ajudar mamãe nos afazeres e na preparação do

almoço de Natal, pois então chegavam meus irmãos casados e suas famílias.

Meus pais eram sempre orgulhosos desta família imensa. Não tínhamos dinheiro, mas sim felicidade.

Conheci o Antônio no meu trabalho , paqueramos e depois de algumas semanas estávamos namorando. Ele era muito sério, quietão , o contrário de mim que sou alegre e extrovertida. Sempre fomos muito felizes. Ele me tratava como se eu fosse a melhor coisa na vida dele.



Entendíamos-nos muito e nos amamos intensamente. Infelizmente, meu marido ficou doente e teve que fazer um transplante de rim. Treze anos depois, ele teve que tirar os rins primitivos. Foi bem contente para a internação, porém teve um enfarto que complicou o quadro. Ficou internado setenta e oito dias na UTI. No dia 26 de novembro ele estava muito mal. Fui à missa e pedi tanto à Nossa Senhora das Graças que carregasse-o em seu colinho e o entregasse para seu filho Jesus Cristo. Ela me atendeu porque no dia 27 de novembro o meu amor morreu.

É difícil viver sem ele, mas me conforto porque acredito na Ressurreição. Nas minhas horas de angústia peço à Deus que me estenda suas mãos e tenho a certeza de que Ele me atende e assim vou levando minha vida tentando viver da melhor maneira possível.



"Adeus querida escolinha!"

Texto de Glória Rodrigues Soares

Não havia grupo escolar em Itaú , e as crianças estudavam em casas adaptadas. Só em 1946, foi inaugurado o primeiro grupo de Itaú que levou o nome de "Grupo Escolar Dr. Cristiano Machado" e nós tivemos o privilégio de sermos a primeira turma a freqüentar e com muito orgulho a nossa apreciada escola. Era linda, com salas grandes, arejadas, um pátio bem grande e todo enfeitado com folhagens e flores.

Na inauguração foi com muita alegria e grande comemoração que este evento aconteceu, ao som do Hino Nacional, o próprio Dr. Cristiano descerrou a placa e hasteou a bandeira, cortou a fita, em meio a muitos aplausos. Houve muitos discursos e apresentações dos alunos. Muitos cantaram, outros recitaram poesias, houve teatro e varias atrações.

O salão de festa estava uma beleza. Uma grande mesa adornada por uma linda toalha, bordada a mão de fina cambraia de linho. Belos vasos de flores completavam a decoração e, ao fundo, a Bandeira Nacional. Foram chamadas a ocupar a mesa as autoridades presentes, nossa Diretora e as queridas professoras.

Lembro-me de ter sido escolhida para cantar "La violetera". Levava uma cesta cheia de violetas e ao cantar, ia entregando um pequeno bouquet a cada pessoa da mesa. Oh! Como são gratas estas recordações... O tempo passou e lá estávamos nós, outra vez, felizes e contentes a receber nosso desejado diploma, participando das festividades com o coração a transbordar de alegria. Fui a oradora da turma e recebi um lindo bouquet de rosas.

No último dia de aula deixei gravado no quadro, a minha despedida com os seguintes versos:

"Adeus querida escolinha que me ensinou a ler
Tu me abriste queridinha
Os olhos para o saber
Tu me tiraste da escuridão
E alegraste meu coração
Agora tenho vida de flor e tua
Imagem, minha escola ,viverá no meu amor"

Com meu abraço de gratidão a minha querida diretora D. Eneia Aloise de Alcântara e minhas queridas mestras, D. Amélia Nogueira de Siqueira, D. Haydeé Piotto e D. Carmelia Dramis Malagute e também aos amados colegas." Itaú 08/12/1949;Data Atual 04/10/2007

Lembranças de vida

Texto de Maria Aparecida de Souza - Cida

A primeira lembrança significativa da minha infância é o lugar onde eu morava: a Vila Zelina em São Paulo por ser o lugar que se tornou reduto de imigrantes vindos de muitos países que estavam envolvidos pela guerra. Eram lituanos, romenos, russos, alemães, etc. Passei minha infância junto dessa gente sofrida com uma cultura totalmente diferente da nossa. As crianças não interagiam muito, eram arredias e muito fechadas em seus costumes.

Sempre brincava com meus primos e minha única irmã partilhando brincadeiras tradicionais que todas as crianças brasileiras conhecem.

As comidas da mamãe e da vovó, até hoje, fazem encher a boca d'água. Era aquela macarronada aos domingos: o molho ficava a manhã toda ao fogo, numa panela de ferro, com aquele lagarto mergulhado... Os bifês à milanesa, os bolos de fubá feitos no fogão à lenha com brasas por cima da forma. Que saudade!

Tive uma infância felicíssima e uma juventude alegre e saudosa embora tenha sido criada com muito rigor, como era costume na época.

Particpei de bailes, piqueniques, bailinhos em casa que davam o nome de brincadeiras. Os conjuntos eram com sanfoneiros, violões e pandeiros. Meu pai era muito alegre e gostava de dançar. Aprendi com ele uma das coisas de que mais gosto e que faço bem, modéstia à parte, que é dançar.

Eu era uma garota comportada, nunca fui de dar trabalho para meus pais e também não fui namoradeira. Gostava muito de ir ao cinema.

Casei-me aos 24 anos. Conheci meu amor em São Paulo, nos casamos, viemos morar em Passos e depois nos mudamos para Manaus e Boa Vista. Tivemos 3 filhos e 3 netos.

Meus filhos e netos são as coisas que mais amo na vida.

Sou feliz principalmente porque conheci a UNABEM que veio completar minha felicidade,

